

Desistir ou continuar? O doloroso itinerário do ser humano que hesita entre viver ou morrer

Give up or continue?
The painful itinerary of human being
who hesitates between living or dying

DARLAN AURÉLIO DE AVIZ*

Resumo: Este artigo tem por objetivo promover uma reflexão acerca do sofrimento de tantos adolescentes e jovens, que diante de seus fracassos, experimentam um imenso vazio existencial, que os leva a duvidar do sentido da vida e da razão pela qual Deus permite o sofrimento. É necessário um olhar atento e misericordioso ao clamor, muitas vezes silencioso, desta geração. O mal não pode abafar o grito de dor de um jovem, onde o “*Por que me abandonaste?*” significa uma súplica Àquele que em Sua Onipotência não interfere na liberdade do ser humano, mas permanece ao seu lado e assume sua dor tornando-se a condição para sua salvação.

Palavras-chave: Jovens. Sofrimento. Existência. Mal. Morte. Salvação.

Abstract: This paper aims to promote a reflection about the suffering of many teenagers and young adults who, in the face of their failures, experience an immense existential void, leading them to doubt the meaning of life and the

* Darlan Aurélio de Aviz é mestre em Teologia e doutorando em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professor de Ética Cristã na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSB-RJ) e vice-reitor de Espiritualidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro. E-mail: d.benedictus@gmail.com

reason why God allows suffering. It takes a careful and merciful look at the often silent cry of this generation. Evil should not be able to drown out the pain of a young man, in which the “*Why have you forsaken me?*” means a prayer to God which, in His Omnipotence, does not meddle with the freedom of the human being, but remains by his side and takes his pain, becoming the condition for his salvation.

Keywords: Teenagers. Suffering. Existence. Evil. Death. Salvation.

1. Um olhar inicial

Já era final do expediente no colégio. Após uma semana de provas e intensas atividades, os alunos corriam pelos corredores e pelas escuras escadas de cimento deixando para trás um familiar sonoro estridente das rodinhas das mochilas batendo entre os degraus mesclando-se aos seus gritos frenéticos, anunciando o tão desejado final de semana que se prolongaria com o feriado. Os funcionários exerciam prontamente suas funções, conduzindo-os à liberdade, abrindo as trincheiras aos sobreviventes que permaneceram expostos ao sol durante o longo período de combates, empurrões, rasteiras, chutes e pontapés de uma jocosa e imperdível partida de futebol, onde tudo terminava na enfermaria do colégio, que, segundo os seus relatos, assemelhava-se a um hospital de campanha.

Aos poucos, os ruídos cediam lugar à calma de um final de tarde que despontava em um céu azul rosado de um verão escaldante, deixando para os ônibus escolares seus corpos suados com odores exacerbados pelos hormônios da puberdade – que agravavam-se pelo confinamento de janelas cerradas e de um ar-condicionado de funcionamento precário, onde o seu frescor só aparecia quando o último aluno era entregue na portaria de sua casa.

2. A face furtiva da juventude

Escolhemos aleatoriamente este último aluno para tecer um rosto e dar voz à história de milhares de jovens que trazem consigo a hesitação entre lutar ou se deixar vencer pelas imposições angustiantes dos tempos modernos. Tempos estes que retratam o paradigma de uma sociedade que claudica no vazio do materialismo e agoniza na superficialidade das relações, tornando-se assim um terreno fértil para que o mal se alastre e flagele a humanidade.

Como um jovem à beira da maioria, findando sua formação escolar e às portas estreitas de um vestibular, lida com a dura imposição de uma sociedade insensível que não permite fraquezas e fragilidades inerentes a qualquer ser humano, assim como exige dele resultados inatingíveis, impedindo-o de experimentar a liberdade de perceber os talentos que lhe foram confiados (cf. Mt 25, 14-30).

Nasce o retrato de um dentre muitos jovens dos dias de hoje que retornam aos seus lares rotineiramente, carregando em si uma desmotivação crônica provocada por pressões acadêmicas, por vazios sociais e por conflitos familiares complexos, que cada vez mais o distanciam do sentimento basilar de proteção, de acolhimento e de aceitação. É fato que, nesta faixa etária próximo aos 18 anos, ainda não são capazes de delimitar com segurança um caminho acertado para suas vidas. Mesmo tendo vivenciado algumas experiências de alegrias e tristezas, isto não lhes serve de garantia para fazer nascer em seu interior a autoconfiança e o entendimento do verdadeiro significado do sentido da vida.

Contudo, no momento singular de grandes paixões e descobertas afloradas em suas vidas, alguns desses jovens se distanciam de sua essência ao se depararem com a dúvida entre enterrar ou frutificar seus ideais, cabendo a eles a solitária decisão de desistir ou continuar. Quais são as razões que levam tantos jovens a abortar seus sonhos no auge de suas vidas?

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a depressão ganha um alcance significativo em toda a população, inclusive entre os jovens. O Brasil desponta no transtorno de ansiedade e encontra-se em quinto lugar no que se refere ao número de pessoas com depressão (aproximadamente 11,5 milhões de brasileiros). Não existe uma única razão que explique o sofrimento do ser humano, por isso se faz mister uma importante e fundamentada reflexão pastoral-teológica acerca da angústia dos jovens de hoje que, ao se depararem com o fracasso, revelam-se frágeis, descrentes e impotentes diante de sua dor e, muitas vezes, chegam ao extremo de optarem por desistir de sua própria existência.

Neste artigo, não pretendemos esgotar a temática do sofrimento, com sofisticados argumentos teológicos, no intuito de provar a existência de Deus (visto que Ele não almeja justificar-se), pois segundo Adolphe Gesché, em sua obra *O Mal*, poderíamos incorrer no perigo de prefigurar a impressão de retirar bruscamente Deus do problema acerca do mal (cf. GESCHÉ, 2003, p. 18) e com isto distanciá-Lo de sua criação.

Buscaremos demonstrar, todavia, que a relação entre Deus e o sofrimento não pode jamais calar ou abafar o grito de dor de um jovem, uma vez que “o mal é algo monstruoso para se olhar sem escandalizar” (cf. GESCHÉ, 2003, p. 20) e o impediríamos de experimentar um Deus Verdadeiro que, por amor ao nosso amor, invocado ou não invocado se faz presente e se coloca a serviço para mostrar que o sofrimento não é simplesmente um problema abstrato-teórico, mas uma realidade que, ao atingir seu âmago, até então desconhecido, torna-se palpável, real e demanda ser combatido.

Durante este conflito entre o bem e o mal, é vital lançar ao pensamento a alternativa de que o mal deva ser compreendido como um processo de amadurecimento e integrador na vida do ser humano. Não existe maior ou menor sofrimento, o que existe é o sofrimento e cada um tem seu limite para a dor.

3. Indagações e caminhos teológicos mediante o sofrimento

Diante de tal situação surgem três importantes questionamentos que permeiam a dura realidade dos jovens do mundo contemporâneo, que crescem vazios e sem alternativas ao desafio de sobreviver em uma sociedade hostil e cada vez mais desumanizada:

1. Se o melhor desse jovem não é o suficiente para alcançar seus sonhos, então qual seria o verdadeiro projeto de Deus para o crescimento do ser humano diante de seus fracassos?

2. O sofrimento de um fracasso coletivo torna-se mais suportável que o fracasso solitário, mas por que o amor de Deus nos deixa sofrer?

3. No meio de tantas incertezas e desesperanças, cresce uma geração desamparada, onde paira uma constante indignação: Por que rezar, se Deus não atende às minhas súplicas?

Atentando ao primeiro questionamento, é imprescindível nos reportarmos à realidade desta nova geração, que vive a ilusória sensação de liberdade na pós-modernidade e se espantam com o passado de seus pais e avós que se submeteram a trabalhos árduos e sofridos no intento de proporcionar aos seus rebentos uma formação intelectual, para que esses galgassem um futuro mais digno e seguro para si. Esse pensamento, entretanto, começa a desmoronar mediante uma realidade hodierna, onde a concretização dos sonhos passa a vincular-se à conquista de uma carreira de sucesso e uma importante posição social.

A boa condição socioeconômica tornou-se o objeto de desejo para a satisfação de suas necessidades físicas e emocionais. Triste ilusão! O que era sonho

tornou-se meta, a ambição transformou-se em ganância e o essencial cedeu lugar ao supérfluo. Logo surge a frustração, pois apesar de sua dedicação extrema e o esforço em oferecer o seu melhor, isso não foi o bastante para alcançar o sucesso esperado. Finalmente este jovem se depara com a angústia de não ser reconhecido pelo que ele é, mas sumariamente classificado como uma amostra insuficiente de seu aparente fracasso, podendo ocasionar a negação de si mesmo e, inclusive, culminar no desprezo completo de sua vida e de sua história.

Na obra *Unidade na Pluralidade*, de García Rubio, o Deus-Ágape cria o ser humano numa situação de decisão e, para isso, é importante que ele assuma os riscos de tal situação. Para, destarte, a pergunta sobre a razão pela qual o homem vive sob tensão e em uma constante espera. Por que não criar o homem sem sofrimento? Segundo García Rubio, essas perguntas são respondidas com uma outra: o que mais importa? O momento ou a etapa da vida em que o ser humano é chamado a decidir-se?

De fato, o Deus Ágape, o Deus que não violenta nem força a consciência do ser humano, é fundamento da libertação e da liberdade humana, convida e capacita-o para que se decida por Ele na abertura à sua vontade, numa relação dialógica vivida no claro-escuro da fé que se orienta para a plenitude futura do encontro face a face (GARCIA RUBIO, 2006, p. 664).

Pelo sofrimento, Deus permanece sempre ao lado do homem e anseia que ele descubra que sua luta é a Dele. Deus é o “Antimal” e a resposta para o sofrimento humano (cf. QUEIRUGA, 1999, p. 125), já não é mais o mal uma objeção contra Deus, mas “é Deus que se torna uma objeção contra o mal” (GESCHÉ, 2003, p. 32). Diante de um fracasso, o homem tem a liberdade de rejeitar Deus, mas terá que suportar esse fardo sozinho e este mal torna-se a chaga aberta de sua existência, onde o homem diante de sua finitude é o único que pode por vontade e liberdade própria decidir-se por Deus, uma vez que Ele não quer ser um obstáculo para a liberdade do ser humano, mas sim a sua condição. Então “é preciso que Deus viva para que ele não morra” (KRISTEVA *apud* GESCHÉ, 2003, p. 38).

Sendo assim, faz-se necessário repensar os caminhos trilhados por nossos jovens que lutam por seus sonhos, para que diante das frustrações ao longo de suas vidas, não se deixem abater pelas estruturas de pecado social (cf. GARCIA RUBIO, 2006, p. 671). A presente sociedade permanece apática ao sofrimento humano e, com isso, o homem é induzido a lutar obstinadamente

por seu sucesso e a repudiar o seu fracasso, acreditando que a felicidade é a simples ausência de dor. Logo, perde paulatinamente o senso da realidade por estar entorpecido e já não se mostra mais capaz de sentir, mergulhando em um profundo vazio. Aquele que decide amar, percebe que o amor e o sofrimento não se separam, porque evitar a dor é rejeitar a própria vida, ao passo que aceitá-la é não temer a própria existência.

Desse modo, o projeto de Deus não consiste apenas em adotar o sucesso como símbolo de felicidade absoluta para o homem, mas, de maneira sutil, promove na humanidade uma abertura por meio da fé para o convívio de uma verdadeira aliança, onde Deus jamais será um “tapa buraco existencial”, mas um amigo que nos elege para viver na liberdade de sua criação. Segundo K. Rahner, “neste evento do eterno, não somos meros espectadores, mas somos os próprios a viver na liberdade e, ao sofrermos na multiplicidade temporal, realizamos este belo evento e constituímos a eternidade com aquilo que nos tornamos” (RAHNER, 1989, p. 121).

Ao aceitarmos que existe uma proposta de amor e de amizade firmada com Deus, ainda resta a dúvida do porquê o amor deste Deus nos deixa sofrer. Para o jovem essa pergunta origina-se de uma incompatibilidade entre seus sonhos e a realidade de duras experiências de vida. Muitas vezes, em seu processo de amadurecimento, lhes é apresentado um Deus impessoal semelhante àquele retratado pelos grandes tragediógrafos, como um deus *ex-machina*¹ que, repentinamente, irrompe os céus, retira-se de seu berço esplêndido e por meio de um paternalismo absoluto, soluciona milagrosamente as agruras insolúveis do ser humano.

Durante tal processo, esse jovem se vê apresentado a um “mito” que desmorona diante de sua dor, onde os sonhos se apagam e suas forças se esmorecem; onde tudo parece não se realizar. A solidão não lhe é um fardo, mas um esconderijo, que o encerra em si mesmo e o enclausura em sua dor. Seus gritos são abafados, sua dor encobre-se e suas lágrimas não encontram mãos que as estanque.

A vida representa um peso cujas correntes encarceram a alma em um grande vazio e impossibilitam esse jovem de perceber a beleza que fulgura fora de sua existência. Resta-lhe apenas preservar suas forças para permanecer de pé e tudo representa um desmensurado mistério que o lança ao horizonte encoberto pelas nuvens da incerteza, onde apenas cresce o sentimento de que

¹ Para melhor aprofundamento recomenda-se a leitura das obras de Eurípidés, sobretudo, *Medéia*.

a finitude da sua existência é o único caminho capaz de extirpar tamanha dor.

É possível limitar o sofrimento e lutar contra ele, mas não podemos eliminá-lo. Tudo depende da maneira pela qual esse jovem escolhe sofrer: “A natureza do sofrimento humano é determinada pelo modo de vida dos homens. As raízes da dor da qual nos lamentamos hoje, assim como as raízes de todos os males sociais, estão profundamente entranhadas no modo como nos ensinam a viver” (BAUMAN, 2010, p. 33).

A experiência do sofrimento pode ser uma oportunidade privilegiada e incomparável àquele que aceita o risco de ressignificar a sua dor, pois há uma razão singular para que isso aconteça. O sofrimento é passível a todo ser humano, mas o que singulariza este desígnio é o modo como cada um escolhe transformar sua dor e o entendimento de que ninguém pode assumi-la em seu lugar.

K. Rahner, no *Curso Fundamental da Fé*, aborda a obscuridade do homem que é ameaçado pela culpa (entendida pelo autor como toda a condição de miséria e absurdo a qual esse homem é continuamente exposto), e esse encontra na morte um momento singular: “toda a confusão da vida humana vem a se resolver definitivamente, ou como um ponto final e nu da manifestação do absurdo da existência, para a qual não existe nenhuma solução” (RAHNER, 1989, p. 117).

Para o teólogo, esta situação revela a marca de nossa época, mediante o mal injustificável em todos os sentidos, pois nunca lhe foi previsto e nem tampouco comunicado o que “desfinaliza” o homem de sua vocação transcendental. O sofrimento do homem é o mais intransigente obstáculo que se levanta contra Deus; como nas palavras de Greshake, “o sofrimento é a rocha do ateísmo”, no qual a fé em Deus passa a depender do entendimento do seu significado e conseqüentemente “só poderei crer em Deus se existir boas razões para Ele permitir o sofrimento” (GRESHAKE, 2010, p. 26).

Deus não interfere no livre arbítrio do homem pela face do mal. Ao impedir o sofrimento, tomaria dele a sua liberdade gerando uma dependência. Portanto a onipotência de Deus é sua bondade e doação total, que não concorre com a liberdade humana, mas se torna a condição para a sua libertação.

Cabe, então, à Teologia não fechar a questão a esta pergunta e deve continuar sem resposta, pois toda a resposta conclusiva delimita o mistério, e este, por si só, não se esgota, visto que ele cresce na proporção da evolução do homem que busca o sentido do seu sofrimento. Eis que, pela dor, Deus lança a sua isca e nós, pela tênue linha da existência, somos fisgados.

A partir destas reflexões podemos indagar se existe uma justificativa para que Deus, somente no fim da vida humana ou no mistério da Cruz, realize o seu maior ato de amor. É quando o homem se abre para a fé (cf. LF 57), como auxílio, e não como “resposta pronta” à dor. É nesse sentido que o Papa Francisco chama a atenção para alertar que a fé não é luz que dissipa todas as trevas, mas a lâmpada que guia nossos passos na noite escura.

No meio de tantas incertezas e desesperanças, crescentes nesta geração desamparada, paira uma constante indignação. Ainda lhes resta uma pergunta diante do sofrimento: Por que rezar se Deus não atende às minhas súplicas?

No auge do sofrimento, o homem assume uma nova postura diante de Deus e passa a falar Dele não mais em terceira pessoa, mas diretamente a um “Tu” que se abre num diálogo, rompendo seu silêncio, invocando-O e até mesmo censurando-O. Ao acusá-Lo, o homem demonstra o desejo de discutir com Ele, pois sua dignidade foi ferida e questioná-Lo é o que lhe resta legitimamente como prova de seu sofrimento. O “Por que me abandonaste? (cf. Mc 15,34)”, a princípio, pode assumir a condição de repúdio, mas, na realidade, é a chave ao entendimento de que somente a salvação de Deus pode curar a dor humana.

A oração não pode ser somente a ação do pedido por um desejo egocêntrico, para que Deus interfira sobre o mal, pois, assim, Ele se tornaria responsável por todo o mal. Orar é uma atitude de confiança na partilha de Deus diante do próprio conflito. Segundo Santo Tomás de Aquino, “A oração não é oferecida a Deus para mudá-Lo, senão para exercitar em nós a confiança de pedir” (SANTO TOMÁS DE AQUINO *apud* QUEIRUGA, 2011, p. 259).

Falar com Deus é aceitar sua presença e vislumbrar a possibilidade de uma resposta solidária a Ele (cf. GESCHÉ, 2003, p. 26), assumindo sua dramática realidade, visto que o homem foi criado a sua semelhança. Para Kierkegaard: “A oração não muda a Deus, mas sim quem a oferece” (KIERKEGAARD *apud* QUEIRUGA, 2011, p. 259). No expressar de sua oração através de um grito desesperado, o homem coloca diante de Deus a sua dor mais aguda e encontra Nele a janela que rompe a obscuridade de seu fracasso, pois ali está um Deus sofredor que se compadece e estabelece uma Aliança com sua criação.

Aquele que reza estabelece um trato de amizade com Deus e se conscientiza de que o sofrimento só pode ser vencido por meio Dele, ou, nas palavras de Santa Teresa, “a oração é estar muitas vezes a sós com Aquele que sabemos que nos ama” (SANTA TERESA, 2014, p. 59) e coerentemente com a certeza

de uma amizade que possui laços fortes capazes de suportar qualquer tribulação, pois os verdadeiros amigos se encontram com frequência, mesmo que seja apenas pelo lampejo de um olhar. Cabe ao homem responder com liberdade ao amor gratuito oferecido por Deus, que nunca será indiferente a esta oração.

Por meio do sofrimento que atinge esta nova geração, é fundamental que pais e educadores lancem um olhar atento ao crescente número de jovens que se encontram mergulhados num sofrimento existencial estarrecedor, e já não são mais capazes de se erguerem para a luta por seus ideais. Afundam no abismo de uma apatia que, dia após dia, corrói suas almas conduzindo-os aos vales tenebrosos de todos os tipos de morte (cf. Sl 23, 4).

4. Perspectivas pastorais na busca da salvação

Cabe a cada um de nós discernir sobre perspectivas pastorais que façam renascer dentro deles a alegria de viver que é próprio de uma juventude sã. Vale ressaltar que esse movimento requer o engajamento de todos os membros de uma sociedade. Dentre estas, apresentamos algumas propostas basilares e iniciais que, à luz da fé cristã, contribuirão para o germinar de uma nova semente que pode brotar em cada coração:

- A família deve ser um porto seguro para cada jovem, mesmo que seus pais já não tenham um relacionamento matrimonial. É mister que os seus compromissos paternos e maternos permaneçam firmes e verdadeiros, pois no momento em que assumem gerar um filho, os cônjuges têm, por dever, a promessa de assumir o autêntico papel de pai e mãe, e este é irrevogável e intransferível.

- Toda instituição de ensino deve assimilar que cada aluno não corresponde apenas a um número de matrícula, nem tampouco a uma nota ambulante, uma vez que esse jovem carrega em si uma história singular. Além de uma formação acadêmica, é necessário um olhar atento que promova o seu acolhimento e potencialize seus talentos.

- A Igreja tem um papel fundamental na evangelização destes jovens, conforme as palavras do papa Francisco: “responder adequadamente à sede de Deus de muitas pessoas, para que não tenham de ir apagá-la com propostas alienantes ou com um Jesus Cristo sem carne e sem compromisso com o outro. Se não encontram na Igreja uma espiritualidade que os cure, liberte, encha de vida e de paz, ao mesmo tempo que os chame à comunhão solidária e à fecun-

didade missionária, acabarão enganados por propostas que não humanizam nem dão glória a Deus” (EG 89);

- Estimular esses jovens através de ações voluntárias à compaixão por aqueles que também sofrem, pois, através da partilha solidária, experimentam o autêntico sofrimento daqueles que clamam por um gesto de misericórdia e, então, nasce o amor naquele que se abre em serviço ao próximo (cf. GESCHÉ, 2003, 89);
- Permear a construção de autênticas relações de amizade que os incentive a sair de si, para compreender o mistério que habita o outro.

Considerações finais

Durante o período de vida do ser humano, a juventude é a etapa em que são feitas as escolhas decisivas que determinam o futuro de cada um, cujo início se dá durante o período acadêmico. Nesta fase, o objetivo é uma formação intelectual consistente que lhes garanta uma carreira segura e um patrimônio suficiente para constituir uma família e alcançar um status social.

Tudo isso é lícito, pois objetiva a sustentabilidade e o sentido de luta pela vida. Mas este conceito não pode se tornar absoluto e exclusivo em seu pensamento, pois isso não será o suficiente para preencher plenamente os seus anseios e dar um sentido mais profundo a sua existência. Durante a juventude são lançadas as sementes que devem gerar as raízes mais profundas para alimentar os sonhos de cada jovem e mantê-los fortes e firmes emocionalmente, para que possam enfrentar com resiliência os difíceis desafios de suas vidas.

É importante o entendimento de que todos os esforços na luta pela existência são necessários, mas não podemos nos esquecer de que o intangível não se negocia. A juventude é a idade da busca de um sentido maior e verdadeiro à existência.

Para isso é fundamental que este sentido interpele o jovem com tamanha vivacidade, que o faça capaz de assumir uma atitude consciente mediante as hesitações que são inerentes a qualquer ser humano. Diante do paradoxo entre desistir ou continuar é preciso que cada um ouça aquela Voz que clama em seu íntimo: “Escolhe, pois, a vida” (Dt 30,19), pois jamais te abandonarei (cf. Sl 27,10; Is 41,10; 43,1-5). Deus assume uma atitude solidária mediante a dor, porém o deixa livre, o que é próprio de quem ama, pois esta resposta ninguém pode assumir em seu lugar.

Ainda há tempo de ensinarmos aos nossos jovens que o sofrimento pode se originar de várias contingências da vida: do medo de se arriscar, do medo de sofrer, do medo de fracassar ou ainda do contentamento por pequenas gratificações, distantes daquilo que cada ser humano é capaz de alcançar. Devemos instruí-los de que toda dificuldade é um importante desafio para o amadurecimento, pois ela os convida a expandir seus horizontes.

Nenhum ser humano deve se isentar do sofrimento, porque as pessoas que nunca se feriram, segundo E. Kübler-Ross, nunca viveram: “Pessoas cobertas de cicatrizes possuem um brilho especial. Aprenderam que as feridas foram pequenos exames, testes a respeito da vida – para testar nossa força, nossas convicções interiores, nosso caráter” (KÜBLER-ROSS, 1979 p. 100).

Afinal, o que dá sentido a vida do ser humano não são apenas os sucessos e as vitórias, mas a possibilidade de tocar e transformar a existência, através de uma solidariedade universal que luta constantemente contra o mal e se une àquele que também sofre. No sofrimento se corrói tudo que é passageiro e nele o homem compreende o valor da esperança, que indica com muita justiça, de antemão, a certeza íntima de agarrar a infinidade (Cf. KIERKEGAARD, 1968, p. 159), pois aquele que aprendeu a lidar verdadeiramente com o sofrimento, aprendeu a viver.

Referências

BAUMAN, Z. *A arte da vida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BÍBLIA DE JERUSÁLEM. São Paulo: Paulinas, 2003.

GARCIA RUBIO, A. *Unidade na Pluralidade*. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

Depression and other Common Mental Disorders: Global Health Estimates. In: World Health Organization. Disponível em: < <http://goo.gl/YQNmTN> > Acesso em: 23 nov. 2017.

GESCHÉ, A. *O mal*. São Paulo: Paulinas, 2003.

GRESHAKE, G. *Por que o amor de Deus nos deixa sofrer?* Aparecida: Santuário, 2010.

KIERKEGAARD, S. A. *O conceito de angústia*. São Paulo: Hemus, 1968.

KÜBLER-ROSS, E. *Sufrimento comercializado Vs. Sofrimento oculto*. In: Concilium n. 119: *Sufrimento e Fé Cristã*. Petrópolis: Vozes, 1979, p. 26-35.

PAPA FRANCISCO. Carta Encíclica *Lumen Fidei*. Documento do Magistério. São Paulo: Loyola, 2013.

_____. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Documento do Magistério. São Paulo: Paulinas, 2014.

QUEIRUGA, A.T. *Recuperar a salvação*: Por uma interpretação libertadora da experiência cristã. São Paulo: Paulus, 1999.

_____. *Repensar o mal*: Da ponerologia à teodiceia. São Paulo: Paulinas, 2011.

RAHNER, K. *Curso Fundamental da Fé*. São Paulo: Paulinas, 1989.

SANTA TERESA. *Livro da vida*. São Paulo: Paulus, 2014.

Artigo recebido em 27 de novembro de 2017
e aprovado para publicação em 11 de dezembro de 2017

Como citar:

AVIZ, Darlan Aurélio de. Desistir ou continuar? O doloroso itinerário do ser humano que hesita entre viver ou morrer. *Coletânea*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 32, p. 373-384. jul./dez. 2017. ISSN 1677-7883. Disponível em: <www.revistacoletanea.com.br>.